



NO CARNAVAL: O suplicio de um beijo

(Desenho de H. Collomb)

Ilustração

2.^a série—N.º 469

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1915

Redação, administração, oficinas de composição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Trimestre.....	1\$20	ctv.
Semestre.....	2\$40	
Ano.....	4\$80	

Portuguesa

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade e de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CRAYES

Numero avulso, 10 centavos

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris, Rue des Capucines, 8

TELEPH. 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
 COLOSAL
 SORTIMENTO
 Rua de Oure, 281 JOAQUIM N. ALVES
 LISBOA

M OZAICOS — AZULEJOS —
 CAL HYDRAULICA
 CIMENTO AGUIA ROCHEDO
 GOARMON & C.^ª
 Rua do Corpo Santo, 17, (9 e 2)
 TELEPHONE 1244 — LISBOA

**REMINGTON
 UMC**

**Cartuchos Calibre
 22 Para Tiro Ao Alvo
 E Caça Meuda**



Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Sr. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a cano. Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

REMINGTON ARMS-UNION
 METALLIC CARTRIDGE COMPANY
 299 Broadway, Nova-York, N. Y.
 E. U. da A. do N.

Representantes:
 No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
 Caixa Postal 420, São Paulo
 Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
 No Territorio de Amazonas
OTTO KUHLEN
 Caixa Postal 20 A., Manaus



Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação.....	266.700\$000
Réis.....	350.310\$000

Séde em Lisboa, Proprietaria das fabricas do Prado, Marianal e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal d'Herm o (Louzã), Vale Maior (Alb rga:ia-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho, Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redondal e de forma. Fornece p pel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornec dora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA: 270, R. da Pr'neza, 276 — PORTO: 49, R. de Passos Manuel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**

Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117



Brazil, Argentina e America do Norte

Passagens a preços reduzidos. Solicitam-se documentos para passaportes mesmo a menores, reservistas, estrangeiros, etc. Informações gratis tambem para a provincia.

ANNIBAL MARQUES DE SOUSA

Rua do largo do Corpo Santo, 6, 1.º — Lisboa



SELLOS DE CORREIO
 CATALOGO GRATIS E FRANCO
 Remittam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Trabalhos de Zincogravura,
 Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
 Composição

Stereotipia

De toda a especie de
 composição

Composição

e impressão

De revistas, illustrações
 e jornaes diarios
 da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
 OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcelsivel perfeição

**Zincogravura
 e Fotogravura**

Em zinco simp'es de 1.^ª
 qualidade, cobreado
 ou nicklado.

Em cobre.

A côres, pelo mais
 recente processo — o de
 tricromia.

Para jornaes, com tra-
 mas especiaes para este
 genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SEGULO, 43

Carnaval

Estamos em pleno Carnaval. A estas horas, já Arlequim atira sobre os ombros o seu manto multicolor; já Colombina faz estalar nos flancos esbeltos o corpete de setim, — e «Pierrot», todo de branco, ingénuo e grave, aperta, tristemente, o ultimo botão da sua luva preta. E, entretanto, alguns homens séveros quizeram que se proibisse o Carnaval este ano. Porquê? Porque a Europa está em guerra? Mas se a Europa está em guerra é por que assim convém aos seus interesses, e não nos compete a nós chorar por que cinco ou seis chancelarias européas escolheram essa fórma, sem duvida menos elegante, de liquidar questões comerciaes. Por que os nossos soldados se batem



em Africa? Mas ha cinco séculos que isso succede, ha cinco séculos que a Africa é o nosso grande campo de batalha, — e nunca alguém se lembrou, por esse motivo, de proibir o Carnaval em Lisboa. O nosso povo leva um ano inteiro a chorar os seus desastres; não é de mais que lhe dêmos tres dias para os esquecer. Proibir o Carnaval? Mas é decretar a tristeza — e decretar a tristeza é um absurdo. No dia em que impedissemos o portuguez de se divertir, — ele passava a divertir-se vinte vezes mais. Dizem que o Carnaval está morto. Pois bem: eu só vejo uma maneira eficaz de o resurgir. E' proibil-o.

Faits divers

Deram entrada no calabouço do Governo Civil, como profissionais do roubo, a «Pérpétua cheirosa», a «Za-Zá», a «Bibi», a «Rosa da Ribeira», a «Furlana», a «Lili» e a «Petiza do Bairro Alto». Mulheres, — suporá toda a gente. Puro engano: homens. Uma autêntica quadrilha de gatunos, — em «travesti». Como todas as coisas teem a sua explicação, é natural que estes sete gatunos eminentes tivessem adotado



habitos, alcinhas e trajos femininos por fortes e ponderosas razões. Eles proprios as declararam no juizo de investigação criminal: disfarçaram-se de mulheres, — para roubar com mais facilidade. Também a célebre Maria Rapaz», presa ha mezes no Terreiro do Paço em trajos masculinos, confessava que se vestira d'homem, — para roubar melhor. A lição dos factos é eloquente, e não ha remédio senão aceitar a nas suas inevitáveis conclusões. Sempre julguei que, para roubar bem, era necessario mudar de terra; convenio mesmo que, em determinadas circumstancias, seja conveniente mudar de cara; mas, com franqueza, nunca supuz que fosse indispensavel mudar de sexo.

As doenças do Kaiser

Correm boatos ácerca da saude do Kaiser. Que teve uma poliomielite, — e que está leso d'um braço; que teve uma doença da laringe, — e que está afónico; que tem uma paranoia, — e que está doído. Psiquiatras illustres pesquisam os antecedentes hereditários de Guilherme II. Médicos notaveis preocupam-se com a sua doença actual. Toulouse seria feliz se o grande Hohenzollern se prestasse ao que se prestou Zola, — a uma observação médica rigorosa e universal do seu organismo, desde a vulgar análise das urinas até ás



inevitaves operações de psicologia experimental. E entretanto — perguntar-se ha — que interesse especial pode oferecer aos médicos o caso clinico de Guilherme II? A sua poliomielite infantil, a sua tuberculose laringea ou a sua paranoia originária evoluçionaram porventura de forma diversa pelo simples facto de se tratar d'um monarca? Evidentemente, não. A patologia dos reis, e, em geral, dos homens que n'um dado momento decidem do destino das nações, não interessa propriamente como documento médico, — mas como elemento esclarecedor de factos na construção das grandes sínteses historicas. Nos Estados centralisados e czaristas como a Alemanha, que está ainda no seu Luiz XIV, os infinitamente pequenos da patologia individual dos reis, explicam, quasi sempre, os infinitamente grandes das catástrofes dos povos.

O «Oportuno»

Não houve um só rapaz que o não conhecesse. Era o mercúrio solicitado de todas as aventuras, o introdutor inevitavel de todas as festas galantes, o guarda-portão eventual de todos os clubs suspeitos. Com a sua humildade de cão, a sua untuosidade de menino de côro, a sua grande calva luzidia de bola de bilhar, velho, degenerado, arguto, amoral, esfregando pelas ruas, — ás 3 horas da madrugada, as mãos roxas de frio, — rondava todos os restaurantes, fazia todos os recados, conhecia todas as mulheres. Era, n'um dado momento, o mensageiro preciso, o farrapo indispensavel, — o homem oportuno. Se se pudesse conceber «Mezzetino» velho, — ele teria sido a velhice de «Mezzetino». Morreu em pleno Carnaval, quando mais preciso era. Nenhum, de certo, dos muitos que ele ajudou a divertir, irá deixar-lhe uma flôr sobre a cova. Faltava-lhe uma qualidade necessaria a todos os tipos populares: a sîmpatia. Sobrava-lhe uma condição indispensavel sem todos os burguezes felizes: a calva.

JULIO DANTAS

A MORTE DE LOUVAIN

STVART



VISÕES DE GUERRA

... Foi assim que um pobre belga, n'um domingo d'outono, enquanto as raparigas de Cherburgo passavam, na sua cruzada de caridade, angariando donativos para os refugiados a quem a invasão roubára tudo, me contou o seu drama, semelhante por certo ao d'alguns outros que eu via, o dia inteiro, errando ao longo dos caes, sós com a sua dôr.

Este homem, já um velho, tinha sido professor em Louvain. Vivía lá com uma filha viuva e com um neto quando a guerra começou; e lá estava ainda quando em 19 d'agosto as tropas inimigas fizeram na pequena cidade belga a sua entrada triunfal. Poderia ter fugido, é certo; mas ele mesmo me explicou porque o não fez:

— Esta guerra — disse-me — surpreendeu os belgas. Evidentemente nos meios officiaes a hipotese d'uma invasão alemã estava de ha muito prevista. Mas essa idéa não era, deixe-me assim dizer-lhe, popular. Os francezes desde pouco depois de 70 que pensavam na possibilidade d'uma nova guerra. Nas camaras mesmo se falava sem reboço da «futura guerra»; todos faziam suposições; todos, nas horas vagas, se punham a imaginar como isso seria quando inevitavelmente viesse a succeder. Mas nós não. Não tinhamos alianças que nos obrigassem a pegar em armas para auxiliar quem quer que fôsse, não tinhamos desforras a tirar, nem outras aspirações que não fôsem as de nos engrandecermos progredindo no trabalho e na paz. Assim, a guerra surpreendeu os belgas e os primeiros sucessos em volta de Liége enganaram-os perigosamente sobre a im-

portancia, a horrorosa realidade do flagelo que ia cair sobre eles. Alguns chegaram a pensar que só derrotaríamos os alemães! Outros imaginavam que, aberta uma passagem até á fronteira franceza, as tropas do kaiser deixariam o resto do paiz em paz. Ocupar Bruxelas, dizia-se, para quê? Para anexar o Maneken-Pis? E havia quem trocasse.

Os de fóra, os francezes mesmo, riam-se n'outros tempos, com boa vontade, de nós: dos nossos habitos burguezes, da nossa capital um pouco provinciana, do nosso *accent*. . . Riam-se por vezes um pouco demais; devem tê-lo compreendido agora. . . Emfim, os alemães entraram e foi então o panico. Quando as tropas se aproximavam, as populações fugiam apavoradas. Que doloroso espetaculo! Pensei que seria uma loucura pôr-me a caminho com minha filha, fraca, doente, e um pequenito de seis anos. E assistimos ao desfilar dos alemães, em passo de parada, arrogantes, com os seus officiaes impertigados e com um arsenal de guerra capaz por si só de incutir o terror. Ah! esses automoveis blindados,* com metralhadoras, essas peças de tamanho descomunal, esses engenhos de varias fôrmas alguns dos quaes dias depois nós havíamos de saber para o que serviam! . . .

— Mas — interrompi — parece que ao começo, em Louvain, os alemães não cometeram violencias.

— Ao começo, não. Durante quasi uma semana, alojados em casa dos habitantes, eles levaram uma vida tranquila. Na nossa pequena casa havia um tenente saxão

que não me parecia mau homem e creio que o não era. Não nos falava de guerra; e era sempre delicado dirigindo-se a mim ou a minha filha; por vezes acariciava o pequenito... Mas em toda a cidade os soldados embriagavam-se sem cessar. Diz-se que isso originou brigas entre eles e que foi a mais grave de todas que deu causa ao desastre da noite de 25 de agosto.

—Foi a noite da destruição?

—Foi. Desde cedo começaram a ouvir-se tiros. Uma ordem veio para que ninguém saísse de casa. Nas ruas sentia-se um va-e-vem contínuo, depois vozeria, e gritos, e mais tiros. De uma janela de minha casa vi o clarão dos primeiros incêndios. O tenente meu hospede, que se mostrava surpreendido, saiu correndo. Eu procurava tranquilizar minha filha e meu neto. Mas o incêndio aproximava-se devorando tudo. Quiz sair, informar-me.

Na minha rua havia já casas ardendo.

Em frente, um meu visinho estava estendido junto da porta de sua casa; tinha-o matado uma patrulha alemã quando ele tentava sair. Retrocedi. Oh! a terrível noite! Quando rompeu a aurora, a minha casa ainda estava intacta. Mas todos os habitantes tiveram de vir para a rua, por ordem dos alemães. Algumas centenas de homens foram violentamente separados das mulheres e das crianças. Eu fui um d'elles.

Conduziram-nos a Campenhout entre soldados; lá nos tiveram prisioneiros

na igreja até á noite seguinte. Depois mandaram-nos embora.

—E voltou a Louvain?

—Voltei. Horrroso o que vi então! Em pé o Hotel de Ville, um belo monumento que não sei como escapou á furia dos barbaros. A Biblioteca, que era o nosso orgulho, destruída. No resto, ruínas, ruínas e mais ruínas! Ia-me perdendo na

cidade, porque muitas ruas tinham desaparecido sob os escombros. A minha pobre casa tinha ardido. Por um instante fiquei a contemplar as suas paredes negras. Abaixei-me, como tantos outros faziam, para procurar entre os destroços qualquer objeto familiar poupado pelas chamas... e pelos saqueadores. Algumas pequenas coisas encontrei.

—Depois, como conseguiu deixar a Belgica?

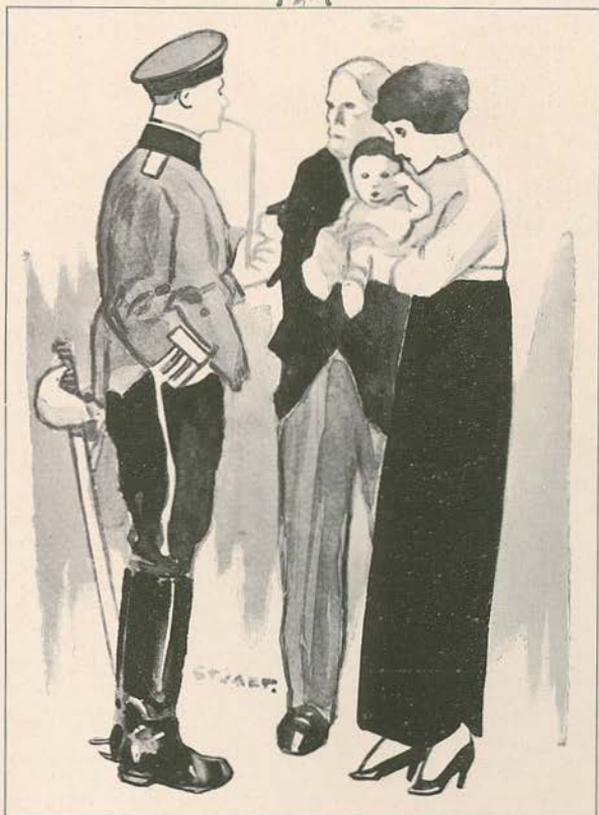
—Foi-me fácil alcançar Bruxelas. E de Bruxelas também saí sem grande custo. Os alemães tinham deixado funcionar um

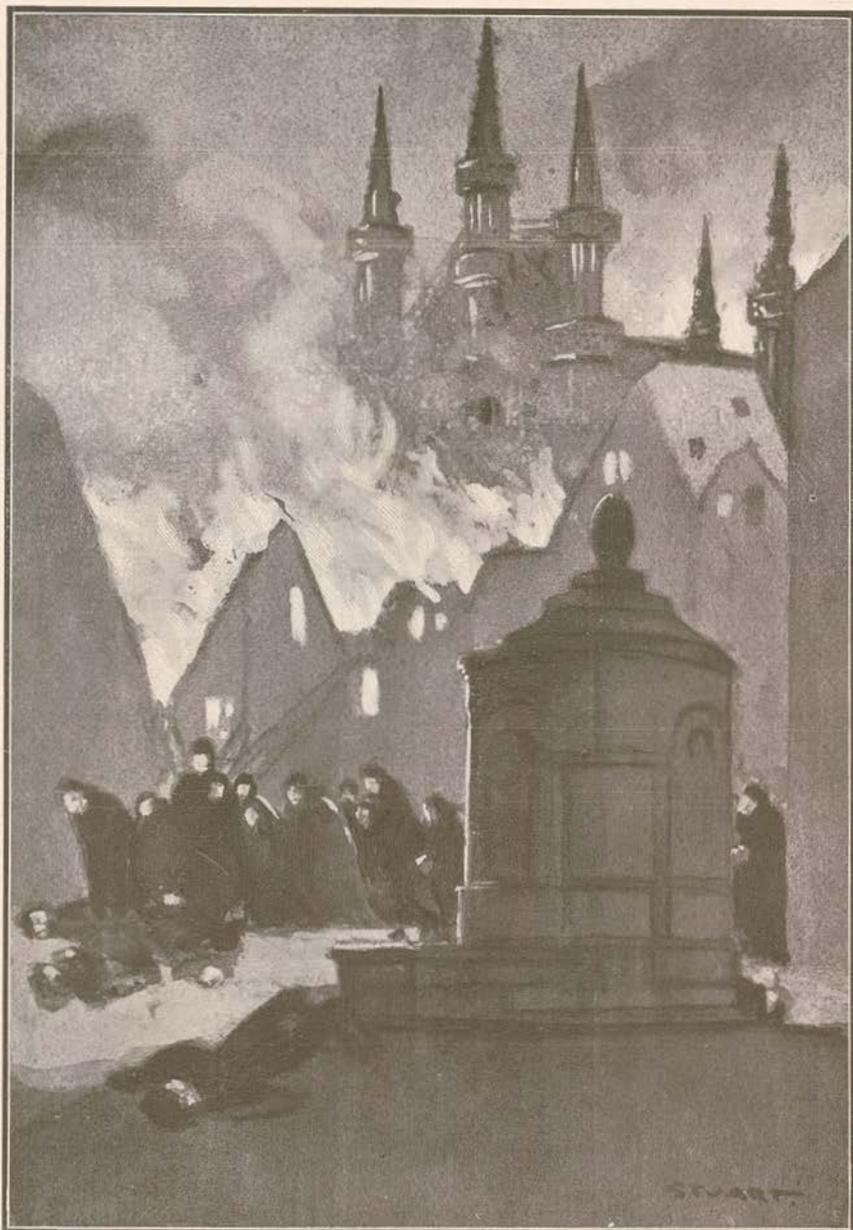
tram que passava as portas da cidade. Havia quem dissesse que o tinham feito de proposito para deixar sair o maior numero de habitantes. Com outros fuggitivos e atravez de difficuldades e de provações que seria longo contar-lhe, alcancei a fronteira franceza... Cheguei aqui.

Uma pergunta queimava-me os labios:

—E sua filha? E seu neto?

O velho deixou cair a cabeça sobre o peito e, depois de um instante de silencio, erguendo para mim, profundamente





tristes, os seus olhos já sem lágrimas, fez um gesto de infinito desalento e disse-me, n'uma voz sumida, que tremia:

—Nunca mais os vi...
Paris, 1915.

PAULO OSÓRIO.



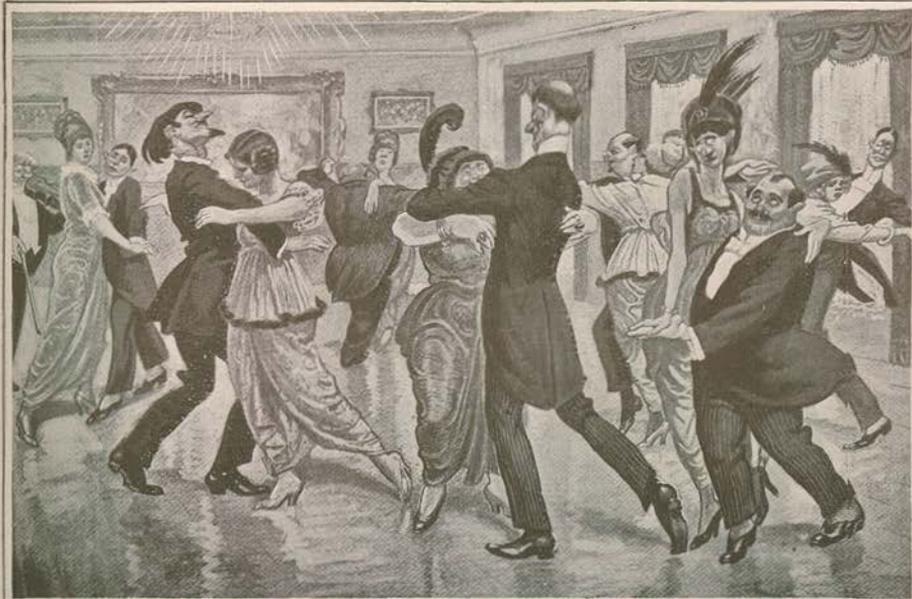
O CARNAVAL



Alegrias e tristezas não são coisas que se decretam aos povos. Compreendiam-se as carpideiras chorando por ofício, ao mando do rei ou da camara, pelas ruas da Lisboa medieval, sobre os males publicos, e os foliões celebrando com saltos, musicas e cantares o que oficialmente se considerava motivo para jubilo, como se compreendiam as primeiras estoirando de riso lá por dentro e os segundos recalando ás vezes grandes tristezas na alma. Mas os povos não se obrigam hoje, como nunca se obrigaram, a representar taes comedias. Se se sentem oppressos pela dôr ou pela prepotencia, choram ou revoltam-se, por mais que lhes sorrissem ou os acalmem; se a alegria ou a febre do divertimento lhes lavram na alma, hão de se rir, hão de fazer loucuras por força, a despeito de todo o recato, de todo o juizo que lhes preguem.

O entrudo não ha de ser este ano, como não tem sido nos outros, o que quizerem as autoridades, os empregarios, os que se supoem com influencia sobre o espirito publico; nem ha de ser o que quizer o povo: ha de ser, sim, a expressão franca do que ele sentir. Talvez haja alguem que suponha que das selvagerias e immoralidades grosseiras das saturnaes e das bacanaes nós chegamos ao carnaval inofensivo de hoje por meio de leis, regulamentos e posturas. Engano! Se bem observarmos, concluiremos que tudo o que pelos seculos adiante apparece legislado sobre elle tem-no sido, insensivelmente, ao sabor de todos os outros factores da evolução dos costumes.

O legislador inteligente, que não deseja vêr a sua obra illudida ou desfeiteada, ha de pautal-a pela son-



Um baile do carnaval d'outros tempos

dagem discreta que fizer no espirito publico. Nunca houve postura que resistisse, lançada *ex-abrupto* no meio de uma verdadeira fervura carnavalesca. Que o digam os nossos avós ainda de seculo passado que ferravam doidadamente com ovos, laranjas cortadas,



cebolas, etc., contra os proprios executores que lh'a queriam impôr e que acabavam tambem por lhes retorquir com os mesmos projectes imundos.

O carnaval tem vindo acabando sem esforço. Olhem como ele ai anda indeciso, sem saber se ha de envergar o

Sob uma chuva de «confetti»
fato flamante de Arlequim, se o burel severo do ermita. Ria-se e divertia-se o povo, se sente ainda vontade para isso no meio de tantas pregações de tristeza que lhe fazem e decerto que, se o fizer, fal-o-ha de maneira que não pareça buscar na folia o atordoamento grosseiro dos sentidos para desprezar todas essas pregações, mas um pouco de alivio e de descanso para o seu espirito atormentado.



N'uma batalha naval... de flôres

(«Clichè» Chusseau Flavians)



O SOLDADO

Foi n'uma tarde de junho
Que escreveu pelo seu punto,
Umás palavras á mãe;
Dizendo que, como um forte,
Ia a caminho da morte
Junto dos outros, também.

Nem uma lagrima assoma,
Porque uma outra fé lhe dóma
Aquele amor filial
E' o escrever na Historia,
Em ouro d'uma vitória
As letras de Portugal!

Altivo marcha na frente
Do batalhão mais valente
Que põe as vidas em jogo.
E é bem firme no terreno,

Que ele recebe, sereno,
O seu batismo de togo.

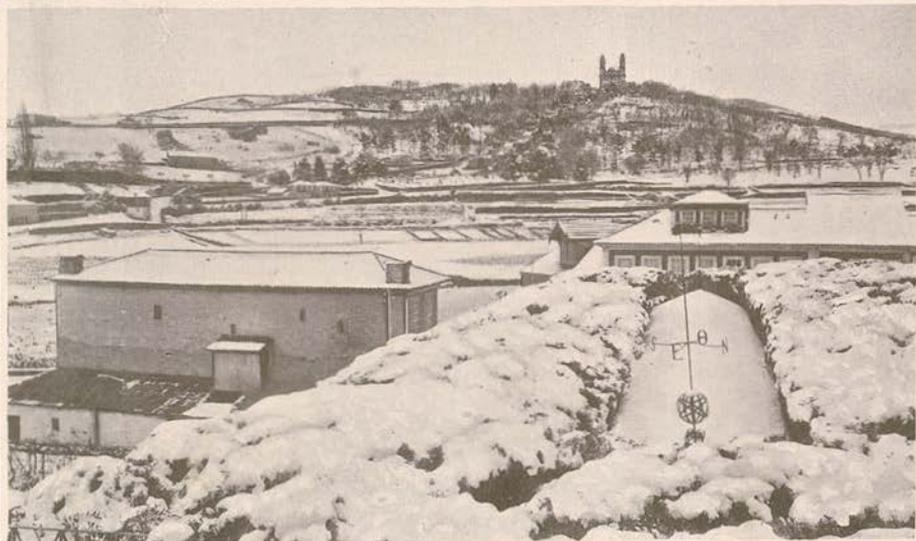
Quando a bala traiçoeira,
Rouba a esp'rança derradeira
D'ele escapar, sem morrer,
Vê surgir no seu pensar
A mãe... a aldeia... o lar
Relembra tudo, sem ver!

Corre então pela fardeta,
Uma lagrima indiscreta
Que ele verte pelos seus;
Morre...

E' quando na aldeia,
A velhinha que o aneia
Vae rezar por ele a Deus.

A. FERREIRA.

A neve em Portugal



Em Lamego: A praça e ao fundo a igreja da Senhora dos Remedios

Este ano a neve tem caído por esse paiz fóra, produzindo lindos e soberbos quadros tanto nas altas montanhas como nas longas planícies, que aparecem cobertas de um al-

víssimo lençol, que o sol a custo derrete. As fotografias que publicamos de Lamego e do Gerez dão uma nota interessante dos seus variados aspetos.



Outro aspeto do nevão em Lamego — («Clichê» do distinto amator sr. José Henrique)



No Gerez : 1. Um dos pontos mais pitorescos da serra coberto de neve no dia 31 de Janeiro.

2. O caminho para a Pedra Bela.

(«Clichés» do distinto amador sr. A. Mairinho).

0 31 de Janeiro no Porto

A capital do norte mais uma vez prestou homenagem aos heróicos que no dia 31 de janeiro de 1889 deram o primeiro passo para o caminho da Republica.

A briosa cidade, justamente denominada *liberal*, não esquece nunca os que em favor da liberdade sacrificaram a propria vida para redimirem os seus irmãos oprimidos por um regimen que arrastou a nossa nacionalidade a desastres que poderiam feril-a



A multidão desfilaro deante do monumento das victimas no cemiterio do Prado do Repouso

de morte.

A romaria que os habitantes da cidade do Porto realizaram no dia 31 de janeiro ao cemiterio do Prado do Repouso, onde se ergue um monumento comemorativo aos bravos revolucionarios

que morreram pela sua causa, demonstra bem o sentimento de respeito e de admiração que ainda hoje se lhes tributa pelo seu ato de verdadeira audacia.



A formação do cortejo na praça da Liberdade antes da partida

(«Clichés» do sr. João Carneiro).

Figuras e factos

O sr. José Pedro da Silva, estudante da Universidade de Coimbra, é também um apreciável poeta e um bom patriota. E assim o demonstrou publicando um belo livro intitulado «Vida íntima», cujo produto liquido se destina á subscrição aberta no «Seculo» para os feridos da guerra, editado pela Livraria França & Armenio de Coimbra.



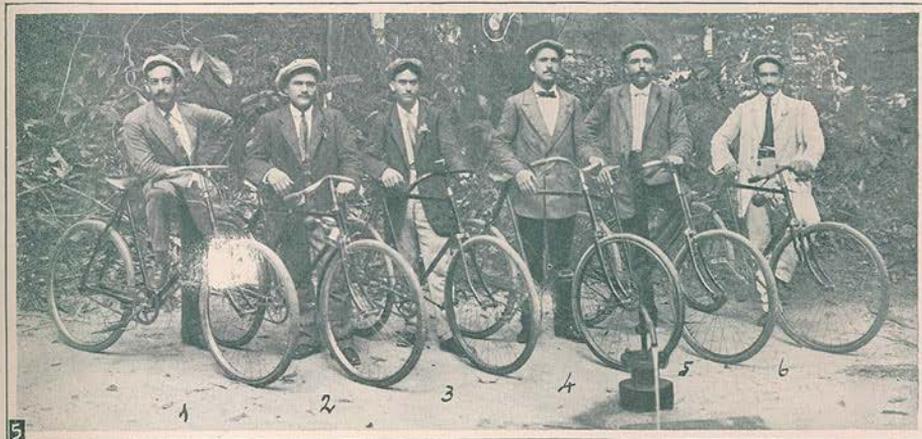
O sr. José Pedro da Silva.



Busto do falecido subdito inglês sr. Gerard Frederik Giddy, executado na oficina do sr. Eduardo Marques da Silva, no Porto, na rua José Estevão.

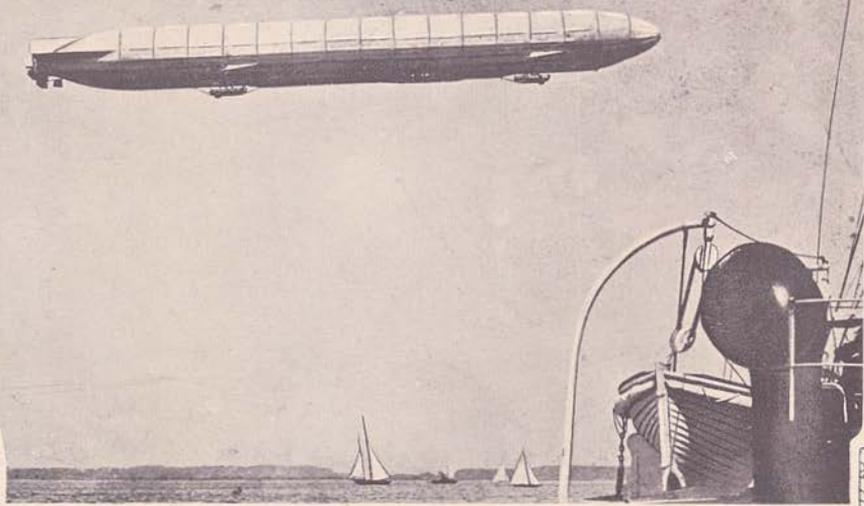


Grupo de comerciantes portugueses residentes no Pará. Sentados da esquerda para a direita: Os srs. Antonio da Silva Almeida, Antonio Joaquim Pereira, Joaquim Valente Fonseca Resende e Francisco Pedroso dos Santos. De pé o sr. Raimundo Gurgão.



No Pará. Ciclistas do GRUPO OCIDENTAL: Os srs. 1. Franco Paes, 2. José Guerreiro, 3. Adelfino Marques, 4. Francisco f Roque, 5. Joaquina Pereira e 6. Joaquim Duarte Gomes.

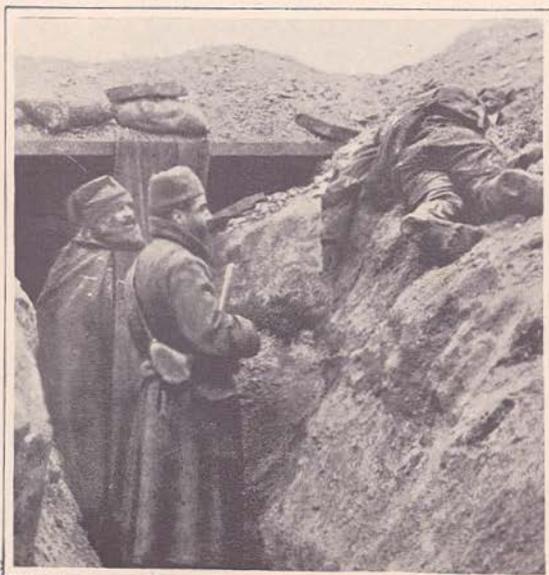
O Velho Mundo em guerra



Em dos Zeppelins do novo modelo que tomou parte no ultimo bombardeamento das costas de Inglaterra
(oClichê M. Branger).

Mais uma vez os alemães vão mudar de planos e estratégicos. O kaiser reuniu em Berlim com o seu estado maior em largas e sucessivas conferencias sobre o assunto. Sempre que sofrem derrotas — e elas já são tantas! — pretendem atenuar-lhes o efeito moral clamando aos quatro ventos que vão mudar de tática.

E ao mesmo tempo continuam a dar toda a força á construção de submarinos e de Zeppelins. Uma grande esquadra aerea está-se organizando sob a direção do



Assalto a uma trincheira pelos zuavos, vendo-se um soldado alemão morto.

titular que deu o seu nome a estes dirigíveis. Será ele proprio quem a comandará, constando que entre esses aparelhos ha alguns que atingem um grau extraordinario de perfeição, podendo aguentar-se no ar, sem necessidade de aterrar, por muito tempo, dias até, e reunindo todas as comodidades de instalação e as melhores condições de combate. Querem talvez dizer com isto que nem nós n'este cantinho remoto da Europa, naturalmente protegido contra aviões pela irregularidade das

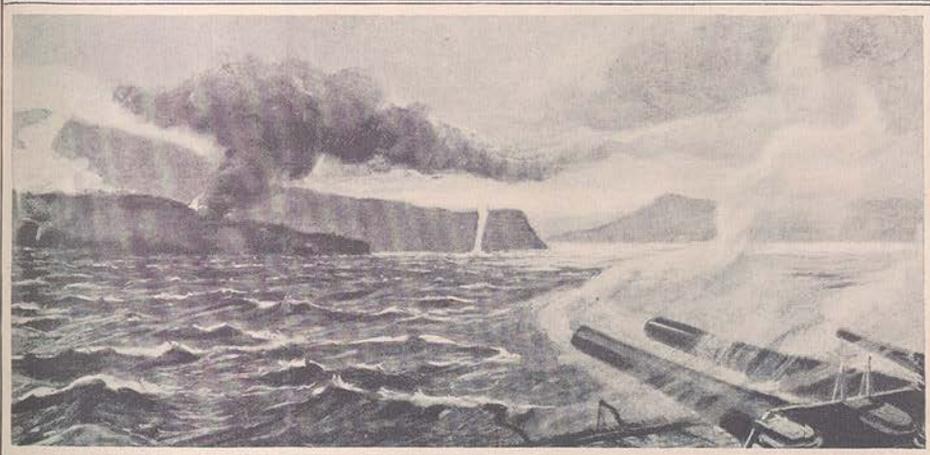


Nos Vosges: Companhia de caçadores alpinos em marcha para tomar posições n'uma montanha.—(«Cliché» M. Branger).

correntes atmosféricas, escaparemos a uma visita sua. E' possível que assim suceda; mas por ora não vemos a menor probabilidade. Todos os aparelhos que até agora eles tem fabricado mal chegam para serem esfrangalhados pelas balas dos alia-

dos. Ainda nenhum conseguiu afastar-se muito do raio da ação militar; e, se algum não se deixou alvejar, arrastado vertiginosamente pela rajada, foi para se precipitar no oceano.

Tudo planos e mais planos!

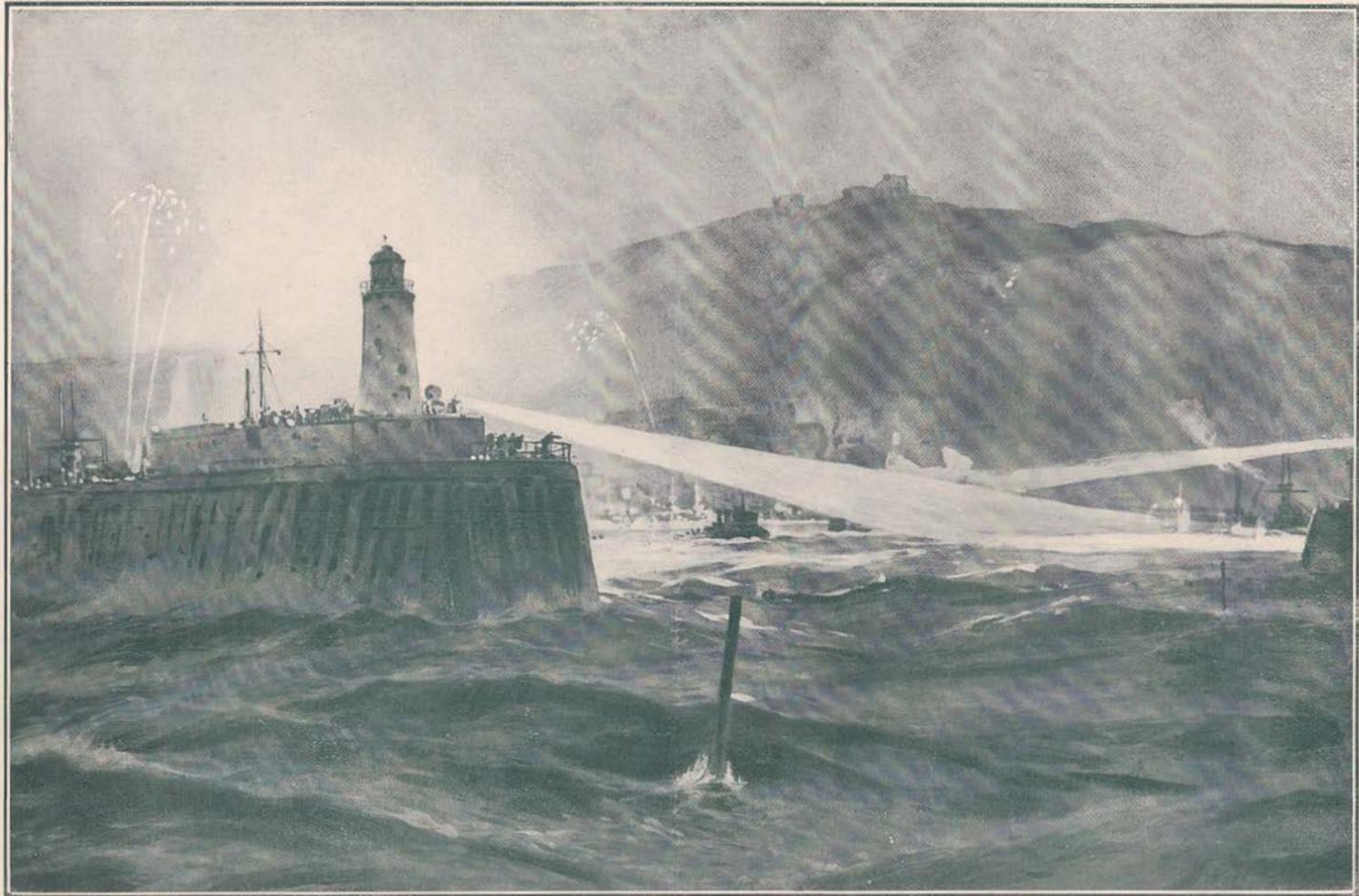


Ataque aos Dardanelos por uma esquadra aliada

(Da The Sphere).



1. Prisioneiros alemães conduzidos por franceses
2. Carregando uma peça Rimalho.—(«Oitões» d'Excelsior).



Em Dover: Submarinos alemães denunciados pelos refletores e afugentados pelas baterias inglesas



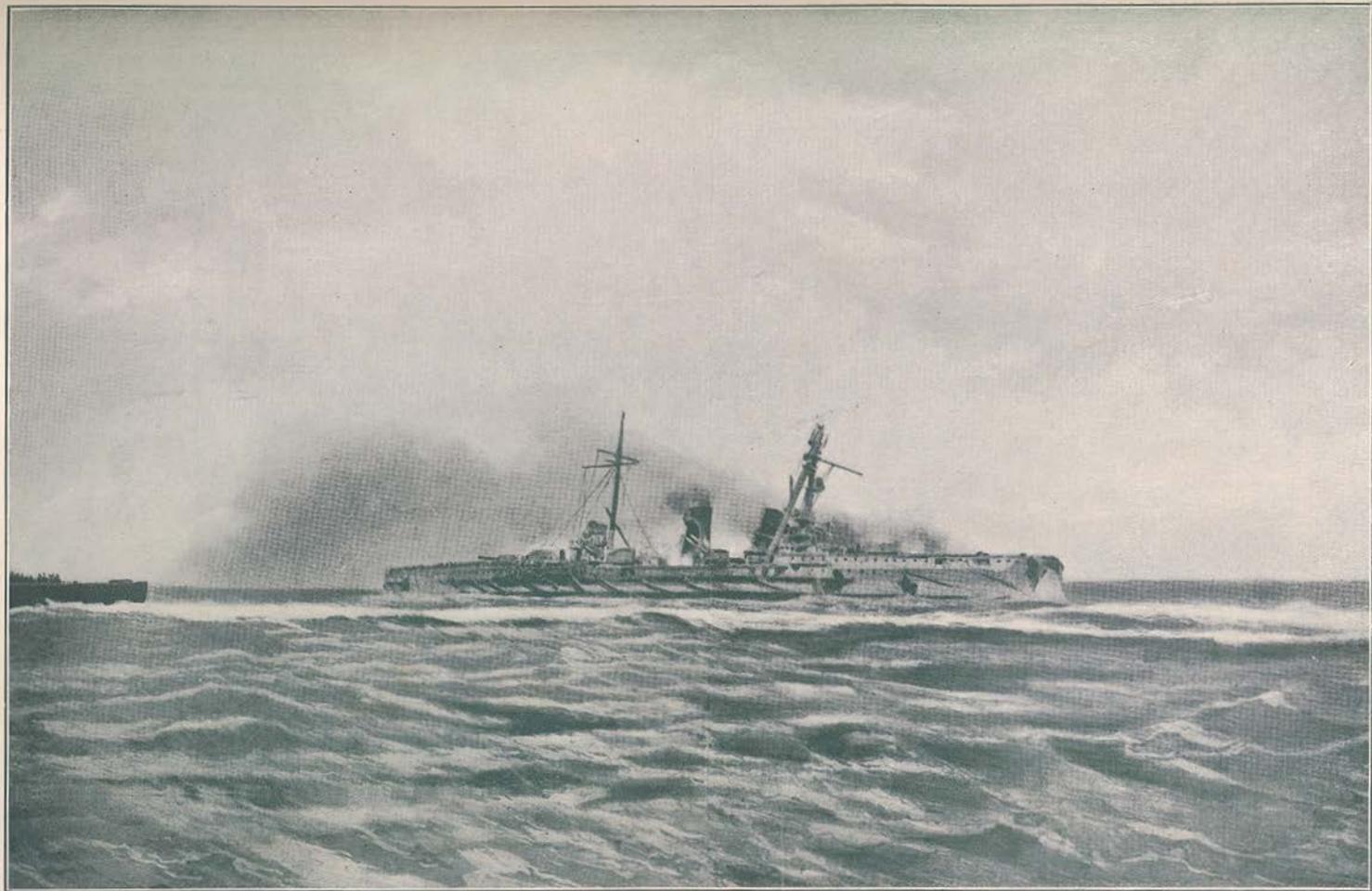
Um canhão francês de 75 mm assestado contra as posições alemãs n'uma aldeia do Aisnes. — (Da The Sphere).



Uma companhia de infantaria turca



Um soldado de uma patrulha austriaca, perseguido pelos russos, salta por cima de um carro que barricava uma rua.



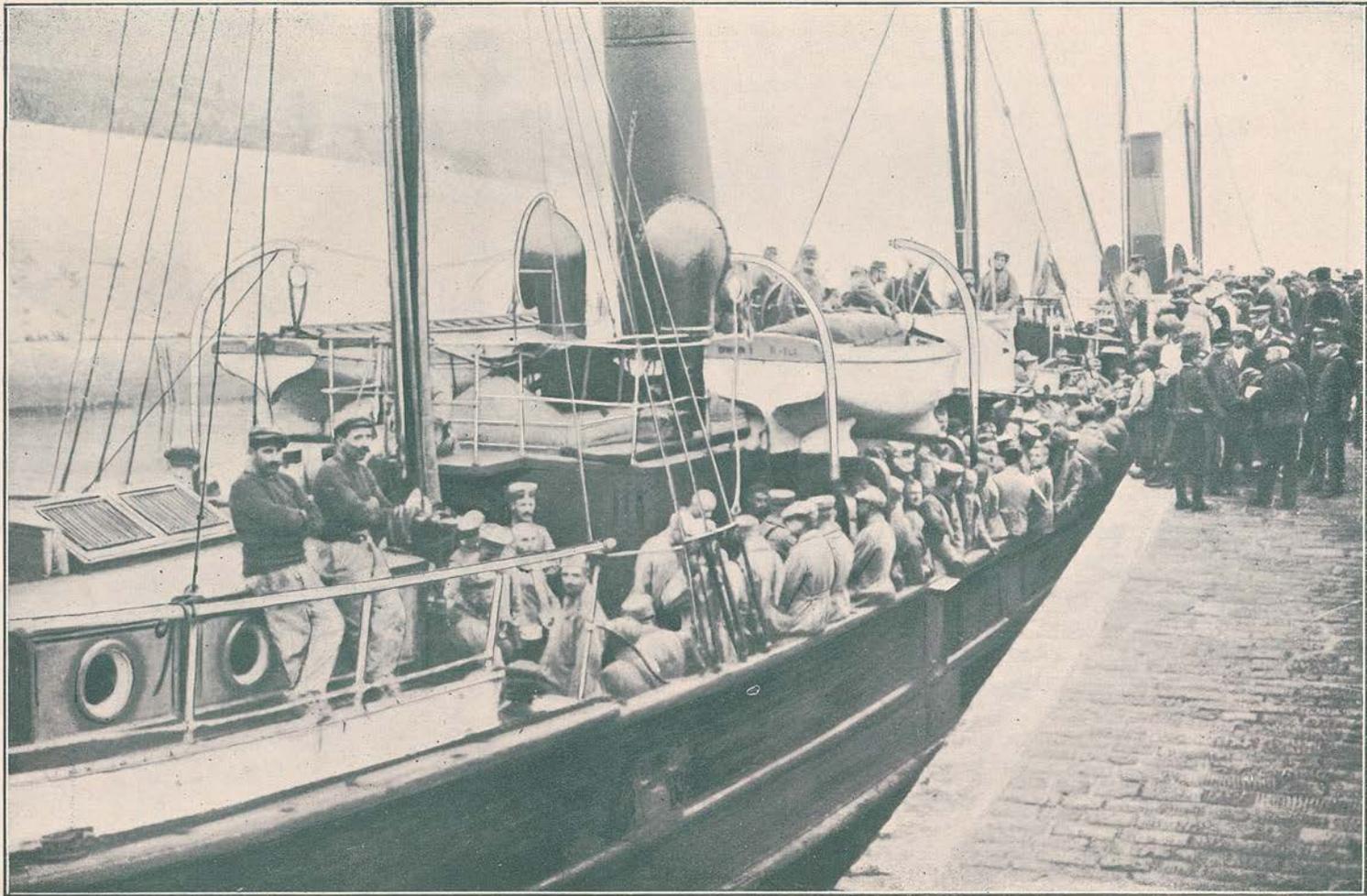
O cruzador alemão Blucher que no combate no Mar do Norte foi afundado pela esquadra inglesa



1. Um trecho do bivaque de soldados colonias na Flandres. — («Cliché» Chusseau-Flaviens).
2. A artilharia pesada francesa emboscada n'uma floresta.



Em Constantinopla: Chegada de navios de guerra, vendo-se o cruzador *„Breslau“*, crismado em Sultão Jawus Selin, e no último plano o Breslau, hoje Midilli



Embarque de prisioneiros alemães para uma ilha na costa da Bretanha.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



1 *Artilharia s saindo da estação do caminho de ferro de Santa Apolonia*

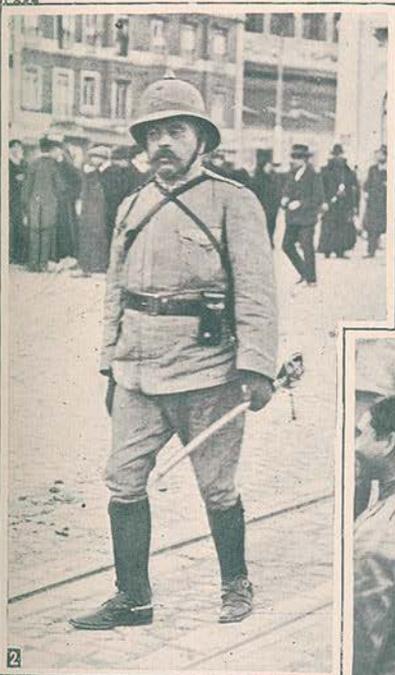
PARA O SUL D'ANGOLA

No mesmo dia em que as notícias davam Angola como abandonada pelos alemães, partia mais um contingente para defendel-a. Essas notícias diziam, por outro lado, que o gentio d'aquém e d'além Cune se revoltára, havendo, pois, uma perturbação interna de não menor gravidade. Quer dizer: os indigenas, com a saída dos alemães, passaram a fazer o mesmo que os alemães faziam, ou, melhor, estes deram indigenas por si.

Como se vê, não lucrámos com a troca, e a retirada dos alemães poderá ter todas as significações, desde um ato de prudencia ante as nossas tropas reunidas até á resolução de formar um novo plano, como está sendo moda entre eles; mas, que se dêem por arrependidos da vilania que perpetraram contra os que guardavam as nossas fronteiras, matando-os e invadindo o nosso territorio, isso é que ninguem crê.

Disse-se depois que o telegrama recebido pelo governo sobre o caso oferecia duvidas sobre a interpretação da gravidade d'este.

Esperemos, pois, que ele se aclare melhor; mas não



2 *O comandante de infantaria 19, sr. major Jordão*

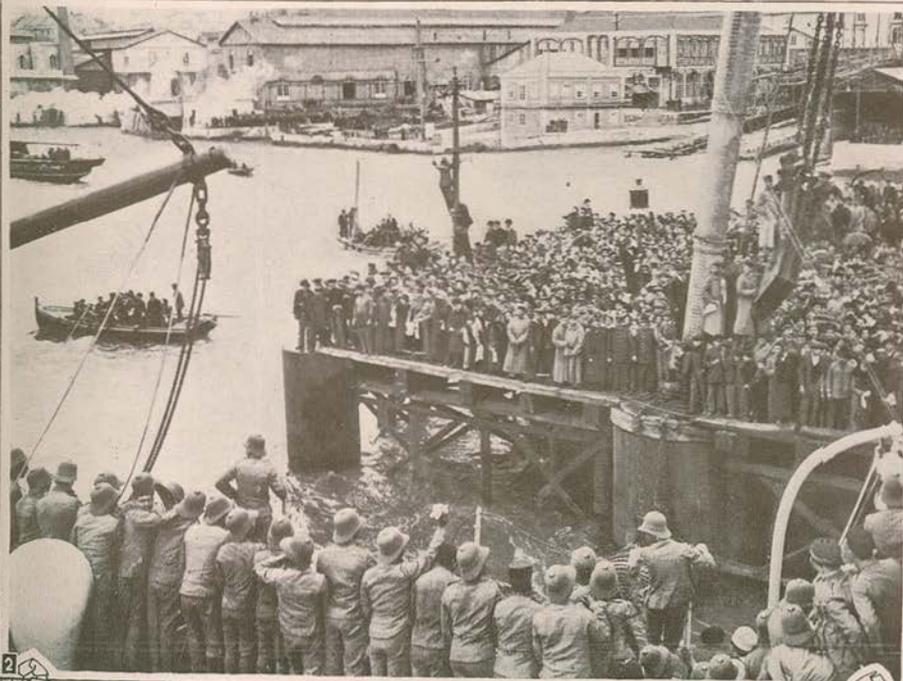
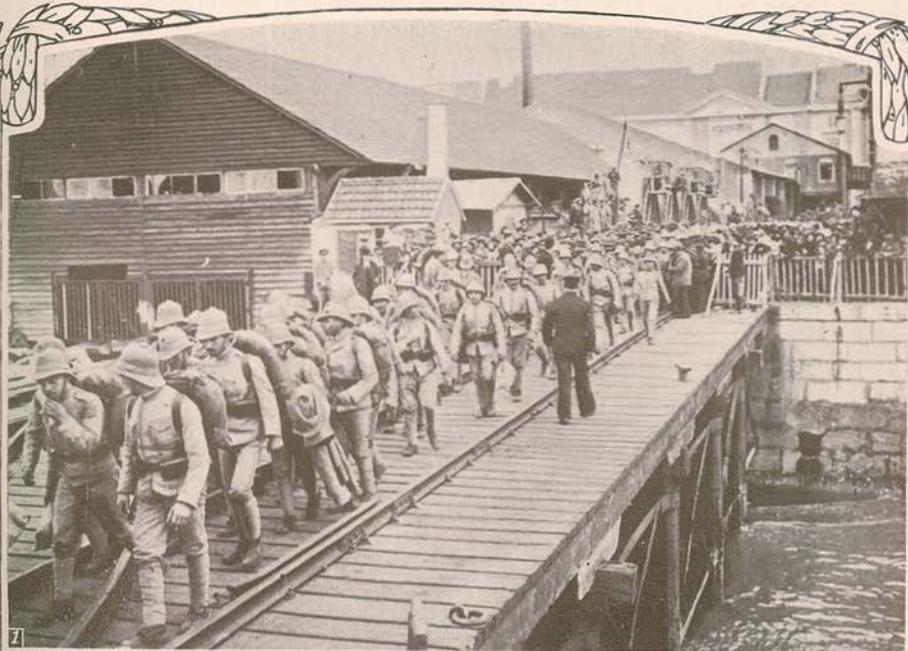


3 *A bordo do Portugal: Os ministros das colonias, da marinhha e das finanças*

esperemos a dormir; pelo contrario, cada vez mais vigilantes.



A bordo do Portugal: Os soldados expedicionários, ao largar o paquete da ponte do Arsenal, dão vivas à Patria



1. O embarque das forças expedicionárias na ponte do Arsenal
2. Os últimos adeus!

(«Clichés» Benoiteel).



Marinheiros portugueses acampados no Lubango, antes de partirem para o Cuamato

Com as notícias dos combates no sul d'Angola, nas quaes ha notas um tanto desanimadoras, veem misturadas outras do Lubango que vibram de patriotico entusiasmo dando conta da passagem por ali das nossas tropas que se iam bater no Cuamato.

Os nossos bravos marinheiros tambem foram acolhidos com excépcionaes provas de simpatia e de carinho. Todos os povos da região acorreram de grandes distancias para os ver e admirar, não se cançando de olhar para esses garbosos rapazes, cheios de fé e de coragem.

Não havia ninguem que á porfia lhes não quizesse ajudar a levar as bagagens e não oferecesse as lembranças de aquelas paragens lhes podiam proporcionar. Levantaram-se calorosos vivas a Portugal e ao exercito, saudou-se com viva comoção a sua bandeira que de tão longe vinha ali flutuar, guiando para novos triunfos aqueles que marchavam intrepidos á sua sombra.

O Lubango, que antes da passagem das tropas andava aterrorisado pelos boatos tetricos que vinham do sul, não tardou a tranquilisar-se pela sua sorte e pela de toda a nossa rica provincia de Angola.



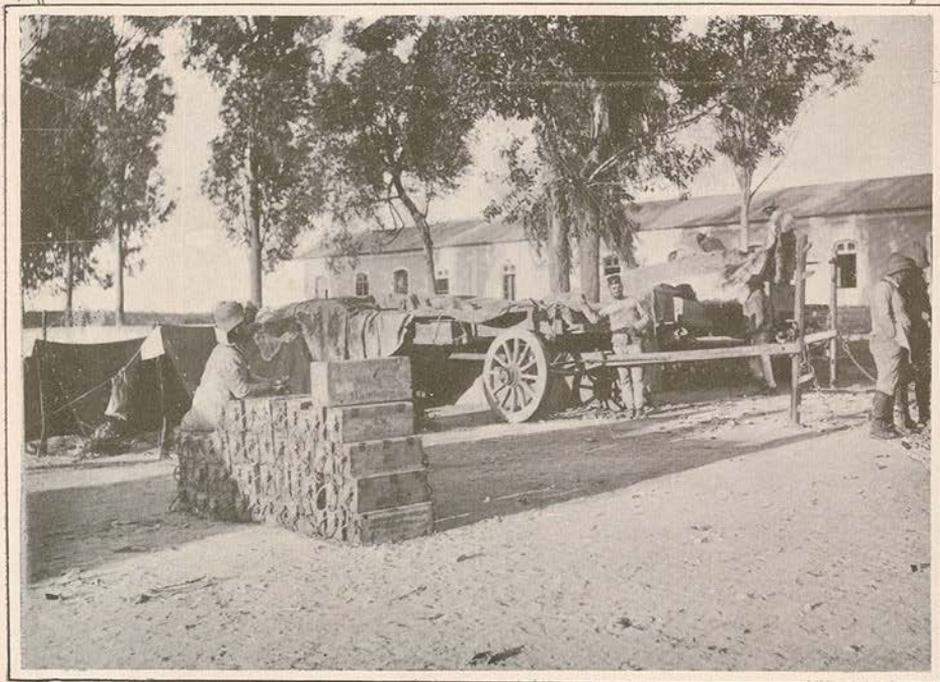
Um grupo de marinheiros desembarcados da lanchar «Rio Minho» no Lubango e destinados a combater contra os alemães.



As forças de marinheiros portugueses acampados no Lubango com os seus serviços telegraficos



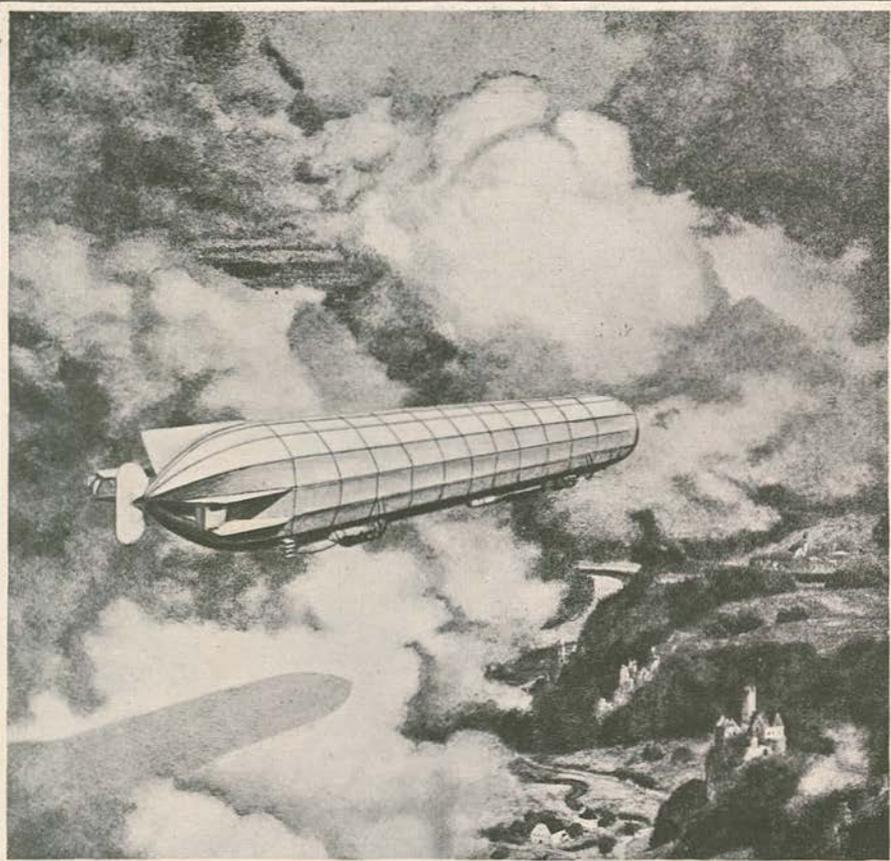
Metralhadoras da força de marinheiros, à passagem pelo Lubango, em marcha contra os alemães



Carregando os carros boers com o material de guerra.—(«Clichés» do distinto fotógrafo sr. Teles Grilo).



Artilharia russa atravessando uma ribeira na Polónia. — («Éliche» Chusseau-Flaviens).

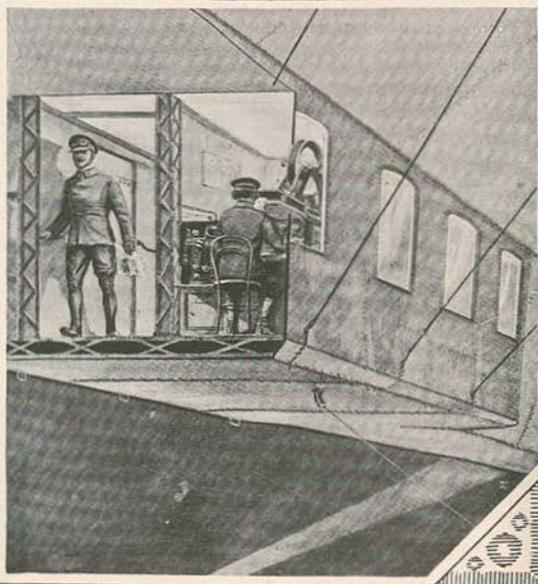


Os «Zeppelins»

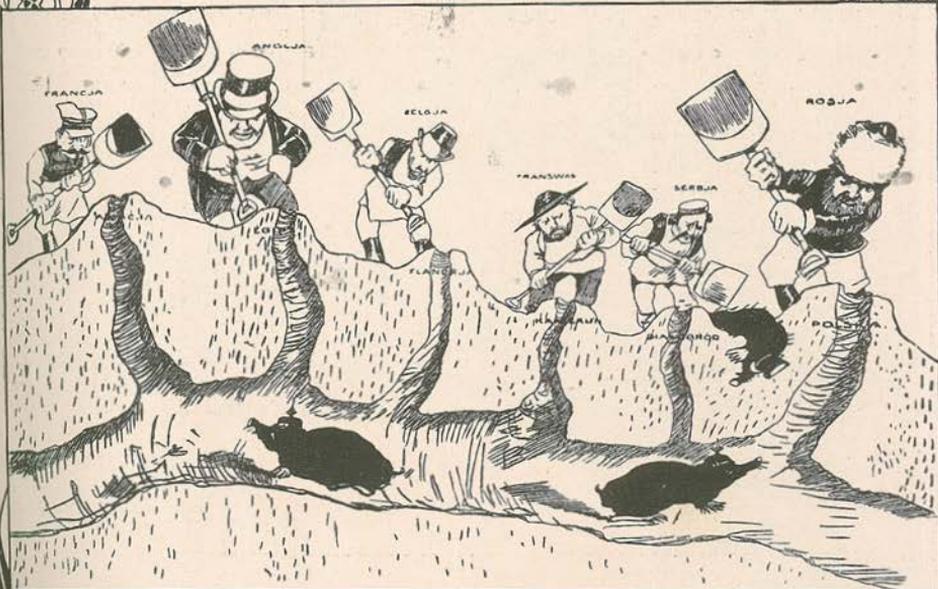
Os já celebres aparelhos aereos «Zeppelins», que deram as suas provas destruidoras no «raid» ás costas de Inglaterra, causando bastantes prejuizos materiaes em Yarmouth, Scheringan e Inswich, são o aperfeiçoamento científico dos dirigiveis alemães, que o afamado engenheiro conde Zeppelin conseguiu transformar n'um veiculo de grande utilidade.

A sua enorme capacidade comporta varias instalações não só para passageiros, mas para condução de mantimentos e de munições e a grande velocidade que desloca permite-lhe fazer longas viagens, conservando o seu equilibrio no espaço, devidamente calculado para as varias pressões atmosfericas.

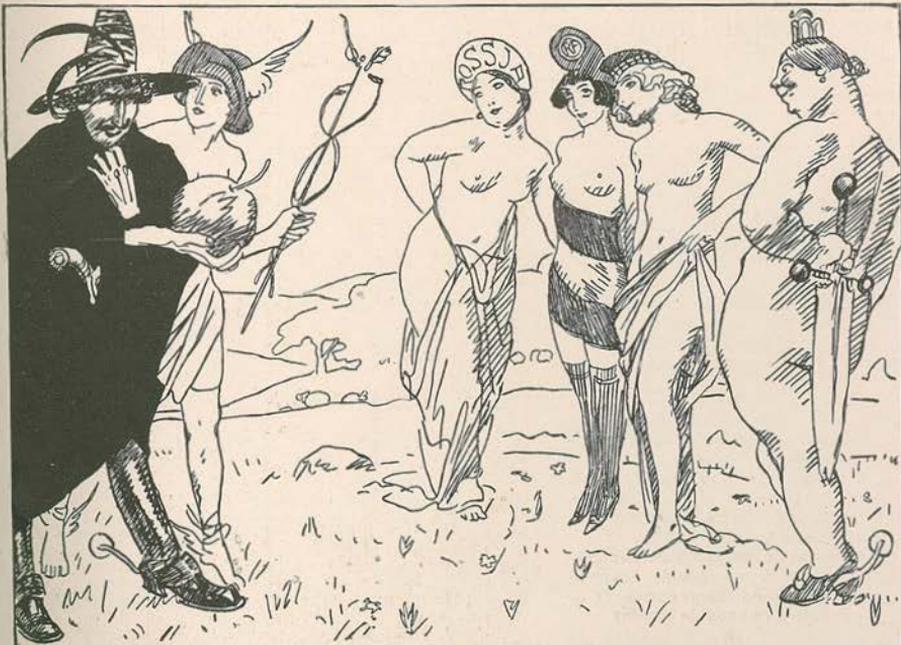
E' como se vê um excelente transporte de guerra e um grande ponto de apoio para o bombardeamento de cidades e campos de batalha.



Os artistas e a guerra



A Inglaterra para os povos amigos: Agora, atenção! Mal apareça á superfície o focinho do alemão, é tapar logo.
(Da Mucha)



A Italia, de maçã na mão, faz reviver a celebre historia do juizo de Paris, entre Venus e Juno, peerrante as nações beligerantes. Qual será a que se ha de lamber com o fruto? (Da Mucha)

José Veríssimo d'Almeida.—O illustre professor sr. José Veríssimo d'Almeida, que ha dias faleceu em Lisboa, contava 80 anos de idade. Era um republicano dedicadissimo, dos tempos de Latino Coelho e Elias Garcia, com os quaes trabalhou na propagação do seu ideal. Era um veterinario distinctissimo e professor abalitado da respectiva escola.



O prof. V. d'Almeida



O gen. C. Palmeirim

Carlos Augusto Palmeirim.—O general de divisão reformado sr. Carlos Augusto Palmeirim, falecido em Lisboa, era um dos officiaes mais distinctos da arma de artilharia, aos progressos da qual ligou o seu nome illustre. Contava 76 anos de idade, era natural de Lisboa e estava reformado desde 1900. Possuia varias condecorações.



3. O sr. José Joaquim Pires Soares, 1.º aspirante e director da Alfandega de Tavira, onde faleceu.
 4. O sr. Cleo Alfredo de Oliveira, contra-mestre reformado da armada, falecido em Lisboa.
 5. O sr. visconde das Arcas, que faleceu em Macedo de Cavaleiros na idade de 81 anos. Era aparentado com as principaes familias do norte do paiz.

6. O sr. Afonso Henriques da Silva Moreira, chefe da 3.ª repartição do governo civil do Porto, recentemente falecido n'aquella cidade.
 7. O sr. Henrique Paula Sousa e Silva, tenente coronel de infantaria, falecido em Lisboa com 81 anos de idade.
 8. O sr. Salvador Girbal, vereador da camara municipal de Portel, onde faleceu ha dias.



O sr. Rodrigues Monteiro

Coronel Rodrigues Monteiro.—Ocupa a pasta dos estrangeiros, no ministerio do general sr. Pimenta de Castro, o coronel de engenharia sr. José Jeronimo Rodrigues Monteiro, um official que se distinguiu sempre no seu curso e que pelo seu estudo ativo e pela sua intelligencia incontestada conquistou o respeito dos seus camaradas, que muito o estimam. São muitos os serviços prestados na arma a que pertence a que tem ligado o seu nome.



O sr. dr. Nunes da Ponte

Dr. Nunes da Ponte.—Para a pasta do fomento no novo ministerio foi escolhido pelo sr. general Pimenta de Castro o sr. dr. Nunes da Ponte, um distinctissimo clinico da cidade do Porto, á qual tem prestado serviços relevantes. Republicano da velha guarda, tem servido com o mais acrisolado amor a causa da Republica, para a qual contribuiu muitissimo com a sua ativa propaganda e com o prestigio do seu nome.



Estudantes dos liceus de Lisboa em bando precatorio a favor dos nossos soldados e da Cruz Vermelha. —(Glieh's Benoitte).